

Diversão & Arte

Festa de RITMOS



APAIXONADO PELOS GÊNEROS POPULARES, COMO O BREGA, O CANTOR PERNAMBUCANO JOHNNY HOOKER TRAÇOU, EM SEU NOVO TRABALHO, UM PARALELO ENTRE O RECIFE DOS ANOS 1960 E O BRASIL ATUAL

» NAUM GILÓ*

Johnny Hooker retorna ao cenário musical após cinco anos do seu último projeto com canções inéditas, o álbum *Coração*, bem representado pelos hits *Caetano Veloso* e *Flutua*, parceria com Liniker que se tornou um hino de luta pelo amor e contra o ódio à comunidade LGBTQIA+. Agora, o disco *Orgia* chega traçando um paralelo entre o Recife dos tempos atuais. A inspiração do trabalho vem do livro *Orgia — diários de Tulio Carella*, escrito pelo dramaturgo e roteirista argentino que desembarcou na capital pernambucana em uma das décadas mais turbulentas da história moderna.

Com poucas edições, a rara publicação relata as aventuras sexuais pelas ruas e cabarés da cidade portuária vividas por Carella. Poucos anos depois de chegar ao Recife, o artista se vê obrigado a voltar a sua terra natal, exilado pelo regime ditatorial recém-instaurado no Brasil. “Nesse livro, eu encontro um Recife parecido com o de hoje: conservador e religioso, mas também rico culturalmente”, descreve o

pernambucano. “Recife tem talento cosmopolita, mas é naturalmente provinciana, embora tenhamos uma arte vanguardista ao mesmo tempo que ligada à cultura tradicional.”

Os singles divulgados antes do lançamento do álbum, *Amante de aluguel*, *Larga esse boye* e *Cuba* denunciam pistas do que esperar do trabalho completo, além de ratificar a heterogeneidade típica do som de Johnny Hooker e tão natural no cancionário nacional. “Meu trabalho sempre teve muito samba, blues, brega... Agora, há um flerte com o house eletrônico e mistura de piseiro com brega. São coisas que vão surgindo na música brasileira e eu vou incorporando, porque eu sou apaixonado pelos gêneros populares. É uma ‘orgia’ de ritmos.”

Em *Amante de aluguel*, primeira faixa do álbum, a carnalidade pulsa no relato de uma transa em que um se doou mais do que o outro. “Amante de aluguel / me prometeu o céu nessa cama de motel / amante de aluguel / que você usa / e manda embora”, diz um trecho da canção com o pé mais fincado no pop. Ao lado do conterrâneo Jáder, Johnny canta *Larga esse boy*, um romance proibido

sustentado pelo prazer, embalado pelas sonoridades do brega e do piseiro. Com direito a versão em espanhol, *Cuba* trata de paixão, com a sensualidade que o público de Johnny conhece bem.

Orgia foi trabalhado durante quatro anos e é assinado por produtores como Arthur Marques, DJ Thai, Felipe Puperi, João Inácio da Silva, Barro e Guilherme Assis. Nas letras, se alternam composições do próprio Hooker e outras recebidas como presente, escritas especialmente para o disco, como *Maré*, de Juliano Holanda, em que o cantor divide os vocais com o capixaba Silva. *Nossa Senhora da Encruzilhada* foi escrita por Filipe Catto, responsável pela identidade visual do projeto, junto ao fotógrafo Carlos Salles e o multiartista Alma Negrot.

Crítica à indústria

A pandemia já deu uma boa abrandada, permitindo que o setor cultural, o mais atingido pelas medidas de restrição, volte, aos poucos, às atividades normalmente. Mas esse processo de retomada não é o mesmo para todos. Para os artistas auto-geridos (como Johnny Hooker

prefere chamar os independentes, por ainda estarem sujeitos às demandas do mercado), o retorno aos trabalhos tem revelado desafios maiores para continuar vivendo da arte. “Nós, os auto-geridos, paramos durante a pandemia, mas a grande indústria não. Parece que as portas se fecharam para a gente. A indústria do agronegócio e o sertanejo tomaram conta. E vai ser só isso? O Brasil tem uma das músicas mais diversas do planeta”, questiona. “A pandemia piorou a situação para os artistas auto-geridos. Quem era pequeno ou médio foi engolido pelos grandes.”

Mês passado, Hooker foi ao Twitter fazer um desabafo depois do baixo desempenho nas plataformas do single *Cuba*, recém-divulgado à época. Na publicação, ele ressalta que um artista sem apoio precisa de demanda orgânica para sobreviver. “Não há mais demanda pelo meu trabalho. Se é que houve um esboço de alguma algum dia. É preciso saber a hora de se retirar”, lamentou o cantor na rede social.

Ao *Correio*, Johnny afirmou que a desistência da carreira musical ainda está em cogitação após os trabalhos com o *Orgia*. Ele contou que o desabafo na rede social foi um apelo e

que uma eventual pausa serviria para investir em outras linguagens artísticas. O pernambucano é ator, com participação na novela *Geração Brasil* da TV Globo, e tem experiência com a direção de seus próprios cliques. Ele continuou as críticas ao cenário atual da música: “As pessoas acham que consomem o que gostam e escolheram. Mas a realidade é que elas foram bombardeadas por aquele artista, que, geralmente, é munido de maiores recursos financeiros”.

Johnny Hooker, devido às suas canções e à sua própria persona, acabou se tornando um dos representantes da ala artística LGBTQIA+, algo que não é um problema necessariamente, mas que tem gerado um rótulo. “A gente não está pedindo 1º lugar, mas um lugar. E que enxerguem a gente como um artista da sigla, mas um artista, simplesmente”, desabafa. “Já fui barrado em lugares por causa desse rótulo. Acreditei que a bandeira que levantamos fosse algo que ampliaria nossas possibilidades, mas acabou ficando mais segmentado.”

*Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco